

Ensinaamentos da Primeira Guerra Mundial para a Infantaria brasileira

Arlindo José da Cruz Neto¹

Introdução

Desde o final da Primeira Guerra Mundial, 1914 a 1918, cerca de dez homens passaram a gravitar em torno de fuzis metralhadores, divididos em duas esquadras, que progridem alternadamente, combinando fogo e movimento. Essa fração, considerada a célula da infantaria, é o grupo de combate (GC). O surgimento do GC, tal como se conhece hoje, foi decorrente da necessidade de se adequar a forma de combater da infantaria às profundas transformações tecnológicas ocorridas na ocasião, as quais mudaram radicalmente a guerra (BRASIL, 1984).

No Exército Brasileiro atual, o GC possui o efetivo de nove homens, sendo comandado por um terceiro sargento e composto de duas esquadras, cada uma com um cabo e três soldados. O GC brasileiro atual é dotado de dois fuzis metralhadores — atualmente são adotados os fuzis automáticos pesados FAP, de origem belga —, sendo um por esquadra, em volta dos quais orbitam os demais fuzileiros (BRASIL, 1980).

Na atualidade encontra-se em curso um projeto para a substituição do fuzil de dotação de todos os fuzileiros do exército.

Os atuais fuzis automáticos leves (FAL), também de origem belga, contam com 50 anos de serviço e, em virtude disso, encontram-se em estado de obsolescência. Contudo, pouca importância tem sido dada à substituição dos FAP, que se encontram em situação idêntica à dos FAL. Colocar a substituição dos fuzis metralhadores num plano secundário poderá descaracterizar a essência do GC, pois tiraria a capacidade de se realizar o fogo e o movimento no escalão mais elementar da infantaria. Tal situação implicaria um retrocesso da infantaria do EB em quase 100 anos, às táticas vigentes no período pré-Primeira Guerra Mundial.

Este trabalho se propõe a demonstrar a importância das armas automáticas para o GC. Em decorrência, irá analisar a evolução dessa fração e a relação dessa arma automática com o desempenho da infantaria.

Contextualização histórica

Desde o final do século XVII até à segunda metade do século XIX, a tática geral da infantaria em combate consistia em realizar sucessivas descargas de fuzilaria destinadas a neutralizar o inimigo, em preparação para uma carga final de baionetas. A eficácia

¹ Bacharel em Ciências Militares (AMAN/1995) e mestre em Ciências Militares (ECEME/2013). Atualmente é oficial de logística da Brigada de Infantaria Paraquedista.

desta tática obrigava a que a fuzilaria fosse permanente, de modo que o inimigo estivesse sempre debaixo de fogo. Para isso, as formações de combate eram divididas em unidades de tiro que efetuavam descargas sequenciais, de modo que estivesse sempre, pelo menos, uma a fazer fogo enquanto as restantes recarregavam, apontavam ou manobravam. A unidade de tiro básica era a companhia,¹ sob o comando de um capitão, secundado por um tenente e dois alferes. A tecnologia tornou obsoleta a tática das descargas de fuzilaria sucessivas.

A evolução de tecnologia militar que deu uma enorme vantagem para a defensiva e transformou a aparência do campo de batalha foi virtualmente completada nos últimos anos do século XIX. Nos anos de 1870, os exércitos europeus estavam equipados com fuzis de repetição (carregamento pela culatra e dotados de carregadores), os quais poderiam atirar tão rápido quanto o soldado pudesse operar o mecanismo de carregamento e eram letais até alcances de 1.500 metros. A artilharia sofreu mudanças similares, as quais aumentaram enormemente seu alcance, acurácia e cadência de fogo. Por volta de 1880, na artilharia surgiu um sistema de absorção hidráulica do recuo,² o que diminuiu a necessidade de reapontar após cada disparo, enquanto o desenvolvimento de um propelente sem fumaça reduziu a fuligem e diminuiu o “fog da guerra”. Dessa forma, armas como o canhão de campanha francês de 75mm poderiam atirar 10 vezes em um minuto. Talvez a mais importante de todas invenções tenha sido o aparecimento de uma arma verdadeiramente automática, a metralhadora inglesa Hiram Maxim. Essa

arma foi fabricada para atirar de 200 a 400 tiros por minuto, o que significava que uma única metralhadora teria um poder de fogo superior a 500 fuzileiros com seus fuzis de repetição. Curiosamente, o calibre dessa arma já era o mesmo adotado por muitas armas automáticas modernas: 7,62mm (SALAMANDER, 1977).

Simultaneamente, os avanços estavam ocorrendo nos sistemas de fortificações de campanha. Na Guerra Civil Americana, testemunhou-se o aparecimento das redes de arame farpado, barreiras de toras de madeira e terra e vasta rede de trincheiras, em antecipação ao que ocorreria no *front* oeste da Primeira Guerra Mundial. Depois da Guerra Franco-Prussiana (1870-1), os franceses e belgas construíram novas fortificações com vários pontos fortes ao redor de cada fortaleza, a uma distância de aproximadamente 15km para permanecerem longe do alcance da artilharia. Os redutos eram construídos com dois a três metros de concreto, reforçados com aço. Esses modernos sistemas de fortalezas foram construídos para suportar uma granada da maior arma de campanha existente na ocasião, cujo calibre era de mais ou menos 225mm. Assim, pelo menos provisoriamente, encontrou-se um lugar seguro no campo de batalha.

Essa devastadora melhoria na letalidade das armas ocorreu exatamente ao mesmo tempo em que o alastramento das ferrovias e a industrialização permitiam que enormes exércitos pudessem ser transportados para o campo de batalha e mantidos lá com comida e suprimentos.

Estudiosos da guerra não ignoraram as implicações dessas rápidas mudanças no po-

der de combate e no transporte. Absorveram a experiência das guerras Civil Americana e Franco-Prussiana, e cada vez mais ficou claro que era suicídio para a infantaria avançar em formação cerrada em zonas batidas por fogos. Escaramuças e infiltrações de pequenas unidades progredindo de abrigos em abrigos pareciam ser uma solução melhor. A efetividade da baioneta era questionada, bem como o futuro do papel tradicional da cavalaria, de realizar cargas com lanças e sabres. O pensamento predominante era que dificilmente a infantaria poderia avançar sob fogo sem contar com um poderoso e aproximado apoio da artilharia, pois as metralhadoras provaram sua letalidade nas guerras coloniais das décadas de 1880 e 1890. Contudo, as transformações necessárias eram radicais, incertas e, por isso mesmo, difíceis de serem implementadas (SALAMANDER, 1977).

No Brasil, a evolução do emprego da infantaria no começo do século XX não acompanhou a Europa. No período da Primeira Guerra, vigorava a Ordenança dos Corpos de Infantaria, de 1891. As instruções existentes eram apoiadas nas táticas das guerras napoleônicas e da Tríplice Aliança. Assim, prevaleciam as formações em linha perfiladas e emassadas, as fuzilarias a comando e os dispositivos quadrados contra a cavalaria. A unidade de emprego era o pelotão, o qual possuía cerca de 26 homens e dividia-se em duas seções, com duas esquadras de seis militares cada. O papel dos sargentos era auxiliar na linha de tiro e com as formações. O fogo e movimento, já previstos na manobra da infantaria, eram realizados por seções, alternando-se as linhas de atiradores;

enquanto uma avançava a outra “executava as descargas” (BRASIL, 1891). No entanto, havia toda uma métrica a ser respeitada, o que tolhia a liberdade de manobra das frações. Os movimentos se pareciam com a ordem unida da atualidade, havendo grande similaridade entre as formações de combate da época e os comandos e procedimentos das formaturas dos dias presentes.

Os problemas da infantaria na Primeira Guerra Mundial

Após quatro meses do início da Primeira Guerra Mundial, o impasse das trincheiras tornou-se uma realidade no *front* oeste europeu, onde se confrontavam naquela ocasião, principalmente, franceses e ingleses versus alemães. O problema tático era que um punhado de metralhadoras poderia destruir o escalão de ataque de uma ofensiva antes que pudesse percorrer a distância entre as duas linhas. Para permitir o ataque da infantaria, a artilharia tinha que destruir a organização do terreno dos defensores, as redes de arame farpado, as posições de metralhadoras e o apoio da artilharia defensiva. De todo modo, mesmo que a barragem de artilharia do atacante fosse efetiva, a infantaria conseguia avançar somente 3.000m sob sua proteção. Além dessa distância, a infantaria estava por sua própria sorte, e umas poucas metralhadoras eram suficientes para sustar o avanço. Na sequência, contra-ataques poderiam levar os atacantes de volta às suas linhas iniciais. Um círculo vicioso foi criado, no qual, para que as defesas pudessem ser destruídas antes de os infantes seguirem, prolongados bombardeios, algumas

vezes com duração de semanas, eram necessários. Esse método denunciava a localização do futuro ataque e permitia aos defensores reforçar suas posições. Também congestionava a retaguarda com vasta quantidade de munição e dificultava o avanço das próprias reservas dos atacantes.

Nesse contexto, na frente oeste da Primeira Guerra, os exércitos francês, alemão e britânico buscavam desesperadamente uma solução para quebrar o impasse da prolongada guerra de trincheiras que vivenciavam. Numa tentativa de permitir o avanço da infantaria, os pelotões foram desmembrados em frações menores, e começaram a surgir os primeiros embriões do que veio a se constituir os grupos de combates.

As máquinas de matar infantes

As metralhadoras foram responsáveis pela guerra estática que entrou para história nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial. No início do conflito, havia poucas metralhadoras nas unidades de linha de frente. Tropas de primeira linha de 1914, formadas por jovens bem treinados e lideradas por oficiais profissionais, eram providas na proporção regular de duas metralhadoras para cada 1.000 fuzis. Unidades de 2ª linha não as possuíam. Não havia metralhadoras em reserva e, uma vez destruídas, era difícil substituí-las. A ideia de “reserva de fogos” reforçava a percepção de que essas armas automáticas eram um pouco mais do que uma substituta mecânica de um pelotão de fuzileiros. As metralhadoras tiveram um importante papel em economizar efetivos de soldados. Contudo, o que chamou a atenção foi sua caracte-

rística de serem perfeitas para defender fortificações. Numa guerra em que a artilharia era eficaz contra o soldado em campo aberto, mas de eficiência duvidosa contra as trincheiras, a infantaria passou a ocupar pontos fortes, e a metralhadora, a ganhar importância (ENGLISH; GUDMUNDSSON, 2008).

Uma vez que os aliados (Inglaterra e França) obtiveram suficientes meios de artilharia a partir do inverno de 1914-1915, eles passaram a usar o massivo bombardeio contra as trincheiras alemãs avançadas. Contudo, como explicado anteriormente, a captura das trincheiras avançadas alemãs raramente implicava penetrações profundas, pois os batalhões de infantaria dos atacantes eram frequentemente parados por poucas dúzias de metralhadoras bem localizadas atrás das trincheiras avançadas. Além disso, um eventual rompimento das linhas alemãs não podia ser aproveitado porque a tradicional arma de exploração, a cavalaria, encontrava-se também vulnerável ao fogo automático (Ibid.).

Não levou muito tempo para os comandantes alemães entenderem que a espinha dorsal da defesa tinha mudado dos fuzileiros para as armas automáticas. A percepção era de que os infantes seriam mais úteis e menos vulneráveis se permanecessem em reserva atrás da primeira linha e longe da artilharia adversária. À frente, permaneceriam guarnições isoladas, para dar o alerta inicial e proteger de pequenas investidas inimigas. Contudo, debaixo de protestos, Falkenhayn, chefe do Estado-Maior do Exército Alemão, aderiu ao ditado “mantenha o que está sendo feito”. Seu argumento era que homens isolados eram mais suscetí-

veis à covardia e a outras “doenças da alma” do soldado. Apoiava-se no princípio do valor psicológico das massas, em que a tropa seria mais bem controlada quanto mais centralizada estivesse. Assim, as trincheiras de linha da frente permaneceram apinhadas de fuzileiros (REMARQUE, 1975).

Falkenhayn falhou em entender o papel central desempenhado pelas metralhadoras no sistema defensivo alemão, não o alterando. Contudo, isso não evitou que ele reconhecesse que as metralhadoras estavam se tornando rapidamente um importante elemento nas defesas aliadas. Seu desejo de lidar com as metralhadoras inimigas o fez apoiar a adoção de táticas ofensivas baseadas em princípios inovadores. Em particular, em março de 1915, Falkenhayn tornou possível a formação de uma espécie de batalhão de assalto (*Sturmabteilung*) a partir da transformação de uma tropa de engenharia (demolições). Pensado com o fim de desenvolver técnicas para tratar com os problemas da guerra de trincheiras, o batalhão de assalto dedicou-se inicialmente a experimentar como lidar com as metralhadoras inimigas (ENGLISH; GUDMUNDSSON, 2008, p. 18).

A ideia central por trás do batalhão de assalto era o uso de grupos de especialistas (*stosstruppen*), que tratariam cada metralhadora como um problema tático independente. Carregavam uma grande variedade de armas, e as técnicas específicas também eram diferentes. O denominador comum de todas as variantes era tão simples quanto radical, o *stosstruppen* tornou-se uma unidade do exército com características próprias, capaz de combinar as ações de diferentes armas para

produzir um efeito decisivo sobre o inimigo.

A prática de dividir o pelotão em unidades lideradas por sargentos não foi uma invenção da Primeira Guerra. Essa prática existia no exército prussiano a partir de 1854, principalmente como um recurso para controlar o regime de fogos da tropa e controlar o movimento. O comandante do grupo avaliava distância, designava alvos e comandava a abertura e o cessar-fogo. Raramente, antes de 1914, o grupo atuava isolado, e quando isso ocorria não se envolvia decisivamente no combate; no máximo ganhava tempo enquanto o resto da companhia ou batalhão chegava para formar uma linha de fogo. Dessa forma, essa nova fração (*stosstruppen*) representava uma autonomia maior em relação à grande centralização das trincheiras (Ibid.).

Para atingir seus objetivos no campo de batalha, cada membro do *stosstruppen* teria primeiro de possuir seu próprio ímpeto de avançar. Uma vez à frente, ele teria de lutar sem supervisão, ativamente, para cooperar com seus colegas de grupo. Se a situação tática mudasse, como frequentemente acontecia, essa cooperação teria de tomar uma forma de improvisação. Uma solução parcial para resolver o problema de motivação foi a seleção dos integrantes. Assim, eram selecionados voluntários de unidades convencionais, os quais poderiam escolher como combater, em função de suas predileções.

Os *stosstruppen* treinados naquela ocasião foram minoria no Exército alemão. Os pequenos ataques eram apoiados pela massa de apoio de fogo da divisão, com grande concentração de fogos. Depois da maioria dos ataques, os grupos iam para a retaguarda

descansar, o que causava animosidade entre as demais tropas de infantaria. Os ataques alemães de relativa pequena escala tiveram duas formas: ataques limitados e incursões de desorganização. Em ambos os casos, foram favoráveis para o desenvolvimento das táticas contra as metralhadoras.

No lado dos aliados, os desastrosos ataques franceses e ingleses de 1915 tinham sido realizados sob a doutrina da “artilharia conquista, infantaria ocupa”. Havia uma tendência dos comandantes franceses de sacrificar tudo para atender, em seus ataques, à máxima da sincronização. Um ataque conduzido de acordo com a doutrina aliada era iniciado com a destruição das primeiras linhas de trincheira alemãs por pesados bombardeios de morteiro e artilharia. Depois, a onda de ataque de infantaria movia-se à frente. Estrita atenção era dada à manutenção do alinhamento entre os soldados, como numa parada, com o objetivo de carregar à frente aqueles que pudessem ser tentados a retrair e conter os entusiásticos, dentro do mesmo princípio do valor psicológico das massas. Em vez de empregar a variedade de arsenal dos *slosstruppen*, a infantaria francesa dependia fortemente da arma favorita da escola da psicologia das massas, a baioneta (Ibid.).

O ataque de duas divisões inglesas em Loos, em 26 de setembro de 1915, demonstra essa dinâmica nos combates da época. Vinte minutos de bombardeio, os quais poucos estragos fizeram nas tropas alemãs, foram seguidos de uma pausa de meia hora. Então 10.000 homens em 20 batalhões avançaram sobre as tropas alemãs protegidas por arames farpados intactos. No alcance

de cerca de 1.500 metros, o avanço inglês encontrou uma tempestade de projetis de metralhadoras. Movendo-se à frente, constituíram-se num alvo frontal para os fuzileiros e metralhadoras alemães, os quais, ao final de três horas, mataram 385 oficiais e 7.681 soldados ingleses, sem qualquer perda do seu lado. A solução aliada para evitar tantas mortes e insucessos nas batalhas futuras foi aumentar a artilharia.

O desastre de Loos, bem como outros similares, atraiu a atenção do alto nível de comando francês e inglês. As lições apreendidas, no entanto, não foram as mais corretas. Em vez de levantar a falta de efetividade das táticas de ataque da infantaria, entenderam que a artilharia não havia cumprido seu papel adequadamente, pois pensavam haver deficiência na quantidade de armas e munições. Assim, na grande ofensiva do Somme, no verão de 1916, as forças britânicas tinham se reforçado em artilharia de tal forma que conseguiram bombardear as posições alemãs por uma semana. Também, nessa ocasião, conseguiram fazer com que os fogos da artilharia se movessem imediatamente à frente das tropas de infantaria, numa técnica que ficou conhecida como “barragem rolante”. Do ponto de vista aliado, essa barragem de artilhariaⁱⁱⁱ tinha características que se adaptavam à tática da infantaria vigente. O aspecto linear, com um formato alongado, permitia que as linhas de infantaria pudessem seguir as barragens apenas 50 metros à retaguarda, protegida dos fogos das metralhadoras. Outra vantagem era que, porque o avanço da infantaria dependia do alongamento de fogos das barragens, ela possibilitava um excelente meio de controle da batalha, pois o

medo de correr para o interior da barragem mantinha o controle da linha de fuzileiros atacantes (Ibid.).

Elegante na teoria, a combinação de pesado bombardeio de preparação com o avanço das barragens de artilharia provou ter suas falhas na prática. Os fogos de preparação estavam alcançando seu objetivo de destruir as trincheiras germânicas; ao fazer isso, os bombardeios também destruíam as características lineares das defesas alemãs que o sistema de barragem tentava explorar. Também, fazendo cair suas granadas em linha, as barragens deixavam de concentrar a atenção em atingir as principais posições germânicas. Por último, as crateras deixadas pelo bombardeio, além de dificultar o avanço rápido da infantaria em linha, permitiam o aproveitamento pelos defensores como abrigos. Essa prática não conseguia resolver o problema proposto pelos alemães. As guarnições de metralhadoras e canhões posicionados à retaguarda das trincheiras avançadas, bem como as tropas de contra-ataque, ainda escapavam do pior dos bombardeios. Contudo, embora os aliados não estivessem conseguindo ofensivas decisivas, estavam matando alemães em grande número (Ibid.).

Em agosto de 1916, quando o comando das tropas alemãs na frente ocidental passou de Falkenhayn para Hidenburg e Ludendorff, as táticas defensivas alemãs começaram a ser alteradas. O cerne da mudança foi a adoção da defesa elástica como conduta na defesa. Esse sistema defensivo se parecia menos com uma parede defensiva e mais como uma armadilha para destruir o atacante. A infantaria era removida da pri-

meira linha de trincheiras para a retaguarda, transformando-se em forças de contra-ataque. No lugar de trincheiras lotadas de fuzileiros na linha de frente, foram instaladas pequenas guarnições, que tinham a missão de repelir os ataques menores e alertar quando ocorria um maior. Os contra-ataques alemães utilizavam as táticas aprendidas com os *stosstruppen*, que agora se espalhavam por todo exército. A artilharia defensiva utilizava barragens para isolar porções do campo de batalha, enquanto fogos de metralhadoras e morteiros dos *stosstruppen* proviam o apoio de fogo necessário para a manobra dos próprios *stosstruppen*.

O sistema de defesa elástica foi suficiente forte para evitar qualquer penetração aliada até 1917. As táticas defensivas dos *stosstruppen* foram imitadas pelos britânicos e franceses. Os franceses adotaram os “*groupes de combat*”, pequenos grupos construídos em torno de um único fuzil automático. Os ingleses instalaram pequenos postos na linha de frente, os quais caracterizavam o formato da defesa elástica. Contudo, os aliados fixaram mais na forma do dispositivo e menos na essência da técnica. Suas forças de contra-ataque não eram potentes o suficiente e, quando disponíveis, eram lentas, metódicas e orientadas para o terreno. O problema era que havia a necessidade de confiar nos comandantes dos grupos de combate para permitir às forças de contra-ataque obter pequenas vitórias decisivas.

O “*groupe de combat*” francês surgiu como uma cópia superficial do “*stosstruppen*”. Igualmente aos alemães, os grupos franceses consistiam de especialistas armados com uma variedade de armas, como fuzis

automáticos ou metralhadoras, fuzis e granadas de mão. Diferente dos *stosstruppen*, os *groupes de combat* foram designados para terem em qualquer momento capacidade de fogo ou movimento, mas não de realizar as duas ações ao mesmo tempo. Enquanto os alemães eram capazes de combinar as duas ações separadas, os *groupes de combat* foram preparados para lutar como uma unidade indivisível. O trabalho dos fuzileiros e granadeiros era proteger o atirador de fuzil automático ou metralhadora e mantê-lo bem suprido de munição (Ibid.).

Os aliados acreditavam fortemente na ideia de que artilharia suficiente poderia preservar a infantaria da necessidade de manobrar. Alinhada a essa concepção, a administração dos aliados não só triunfou sobre a última ofensiva alemã no rio Marne em 1918, como constituiu uma artilharia com capacidade de pulverizar qualquer posição alemã escolhida. Contudo, a lentidão como se processavam os ataques permitia que as forças alemãs se retirassem do campo de batalha. Ao final da guerra, na segunda metade de 1918, o Exército alemão foi derrotado, mas escapou da destruição.

Pós-Guerra

O *front oeste* não foi o único teatro da Primeira Guerra. Havia outras áreas, ainda que não fossem decisivas no conflito. Seja como for, houve muitos veteranos da Primeira Guerra que não experimentaram a situação da guerra estática, mas manobras decisivas de infantaria. Na Rússia, Romênia, Sérvia, Itália, Macedônia e Palestina, os ataques de infantaria tinham sido suficien-

temente potentes para penetrar através das posições defensivas e explorar seus avanços com pesadas marchas e, em muitos casos, causar um golpe duro o suficiente para levar o oponente à rendição, ou pelo menos, à mesa de negociação (Ibid.).

Em outras campanhas militares do pós-guerra, como na Guerra Civil Russa, e nas demais campanhas da Primeira Guerra, com exceção do *front oeste*, a infantaria não precisou aprender como lidar com um terreno dominado por dezenas de metralhadoras, porque frequentemente tinha espaço que permitia a opção de envolver a posição defensiva. Grupos de combate não tiveram de aprender a manobrar porque regimentos, brigadas, e ainda divisões poderiam, se bem lideradas, resolver o problema com uma pequena marcha forçada para desbordar a posição, pois havia espaço para tanto.

Assim, no pós-guerra, muitos exércitos — como da União Soviética, Polônia, Turquia e dos Estados Unidos, entre outros — não viram a necessidade de introduzir tanto as táticas dos *stosstruppen* quanto os gigantescos arsenais de artilharia aliados. Inclusive os britânicos retornaram às táticas de pré-guerra, sob argumento de que aquela situação do *front oeste* seria uma anomalia.

Para os franceses e alemães, contudo, não havia como retornar, e continuaram a seguir os aprendizados que cada exército tinha absorvido durante a Primeira Guerra.

O modelo francês

Uma palavra que melhor captura a essência das táticas de infantaria francesa como as desenvolvidas entre 1920 e 1930 é

“barragem”. O conceito francês da expressão “*barrage*” é represar, segurar o inimigo. Esse princípio poderia ser visto através da organização e dispositivo tático das unidades da infantaria francesa. Três grupos de combate, no modelo dos *groupes de combat* da Primeira Guerra, formavam um pelotão. Como antes, estes pelotões foram designados para ocupar posições defensivas, nas quais os fogos dos fuzis metralhadores se entrelaçavam e formavam uma barragem. No ataque, o dispositivo desses pelotões se assemelhava ao formato das posições defensivas, só que se movendo para frente. Os homens estavam próximos uns dos outros, mas os GC um pouco separados. A artilharia fazia o trabalho de supressão da atividade inimiga à frente, e os fogos automáticos tinham o objetivo de cobrir os intervalos entre cada GC (Ibid.).

Em meados de 1920, o GC francês foi formalmente dividido entre duas esquadras, cada uma com cinco soldados e um cabo. Uma esquadra era dotada do fuzil metralhador, enquanto a outra era de granadeiros-volteadores. A esquadra que possuía a única arma automática do GC servia para defendê-la. Embora essa organização desse ao exército francês um dos pré-requisitos para o GC ter a capacidade de realizar a integração do fogo e movimento, por meio de lanços sucessivos de esquadras, a mesma legislação que introduziu isso também reiterou a doutrina de que o GC era indivisível e, conseqüentemente, o pelotão era a menor unidade capaz de ser designado para um objetivo independente. A organização básica era quatro pelotões formando uma companhia, e quatro companhias — uma das quais era equipada com metralhadoras pesadas — formando

um batalhão. O número de metralhadoras nas companhias de apoio havia aumentado, saindo de oito para vinte, de 1918 a 1940. Essa formação explicitava a predileção defensiva francesa, com a infantaria disposta para construir uma barreira de fogo.

O modelo alemão

Para os alemães, que explicitamente rejeitavam as formas de guerra lineares nos manuais de treinamento de infantaria pós-Primeira Guerra, a metáfora correspondente à ideia de barragem francesa era o movimento de pinça. Em todos os níveis, do GC até a divisão, a ideia por trás dessa ação tática era prender o inimigo em ambas as tenazes da pinça. No ataque, isso ganhou a forma de fogo e manobra, com o fogo de um elemento ocupando o inimigo, enquanto o outro avançava por uma direção onde poderia efetuar um golpe decisivo. Na defensiva, permaneciam válidos os conceitos da defesa elástica, no esquema de ceder pequenas porções do terreno ao inimigo e destruí-lo dentro do bolsão pelo fogo e pela manobra (Ibid.).

O primeiro passo para institucionalizar as novas táticas era dar ao *stosstruppen* um lugar permanente na infantaria alemã. Isso foi feito com a designação de uma esquadra de sete homens armados de fuzis e uma metralhadora leve, que poderiam ser combinados em 14 homens (*stosstruppen*). Esse arranjo, até 1931, permitia formar um pelotão com dois grupos de metralhadoras e dois grupos de fuzileiros, os quais poderiam ser reorganizados em *dois stosstruppen* independentes. Depois disso, o pelotão foi

reorganizado em três *stosstruppen* permanentes, de 12 homens cada. Esse GC consistia de uma equipe de metralhadora leve a cinco homens e uma esquadra de fuzileiros de sete soldados (Ibid.).

O conceito da manobra de pinça — ou desbordante — alemã para alcançar a decisão do combate não era novo. Em diversos conflitos anteriores à Primeira Guerra Mundial, houve exemplos de sua aplicação. O que havia de diferente nas táticas alemãs que emergiram após a Grande Guerra era a integração de pequenas ações desbordantes dentro da concepção de uma manobra de um escalão maior. Em suma, manobras desbordantes de GC e pelotões formavam o braço da pinça de manobras de batalhões e regimentos, os quais por sua vez se constituíam nos braços da pinça de divisões.

O modelo inglês

Já os ingleses, inicialmente, adotaram uma formação revolucionária para sua infantaria: pelotões similares aos alemães, com duas equipes de metralhadoras e dois grupos de fuzileiros. O período entre o fim da Grande Guerra e o início da Segunda Guerra Mundial foi extremamente fértil para o pensamento militar inglês. Escritores famosos até os dias de hoje, como B. H. Liddell Hart e J. F. C. Fuller, faziam parte da elite pensante militar britânica. Como os franceses, Fuller imaginava que a infantaria tinha perdido a capacidade de manobrar tanto no nível tático, quanto no operacional. Contudo, ele acreditava na validade das manobras operacionais, sendo um dos primeiros defensores do papel dos blindados em busca de

ações em profundidade. A infantaria, em sua visão, teria o papel alterado de “rainha dos campos de batalha” para no máximo “rainha das fortalezas”. Como toda generalização, substituiu o *slogan* francês por “os tanques conquistam, a infantaria mantém” (Ibid.).

Liddell Hart teorizou sobre as táticas das pequenas frações de infantaria. Um fragmento dos princípios de suas táticas elementares pode ser observado numa analogia produzida em seu texto *O homem na escuridão*, em que descreve como via o desenvolver das ações de combate:

1. Em primeiro lugar, [...] o homem estende um braço para procurar o seu inimigo, permanecendo em alerta, flexível e com a guarda pronta para não ser surpreendido. Este pode ser chamado o princípio da “formação protegida”.
2. Quando seu braço distendido toca seu inimigo, ele rapidamente procura um ponto bem vulnerável, como a garganta. Este é o princípio do reconhecimento.
3. O homem então segura seu adversário firmemente pela garganta, distendendo seu braço sem permitir que ele ataque de volta ou se esquive do soco decisivo. Este é o princípio da fixação.
4. Então, enquanto o inimigo encontra-se com toda atenção absorvida pela mão ameaçadora em sua garganta, com a outra mão o homem ataca o oponente de uma direção inesperada e em um ponto desguarnecido, dando-lhe um soco decisivo, capaz de nocauteá-lo. Este é o princípio da manobra decisiva.
5. Antes que seu inimigo possa se recuperar, o homem avança para imobilizá-lo e deixá-lo sem condições de prosseguir na luta. Este é o princípio da completa e imediata “exploração” do sucesso. (HART, 1921) (tradução livre).

O principal da argumentação de Liddell Hart era fixar e manobrar em todos os escalões da força. Enfatizava que a capacidade das forças no combate moderno estava mais ligada ao poder de fogo e não meramente ao número de soldados. Ele sublinhou ainda que, embora nos grandes escalões a infantaria tenha sido confinada a ações meramente frontais, o aumento da dispersão dos combatentes — forçada pelo acréscimo de efetividade das modernas armas — tornou possível, para grupos pequenos, mas bem armados, a infiltração entre os pontos fortes inimigos. Para enfrentar o dispositivo da defesa elástica alemã, Liddell Hart destacou a teoria da torrente de água como exemplo da ação ofensiva. Imaginava as forças como uma corrente de água explorando todas as brechas que surgiam e avançando sem se deter. Ele também sugeria que as táticas de combate da infantaria deveriam tornar-se mais automáticas e menos dependentes de receber ordens novas de superiores da retaguarda (Ibid.).

A sistemática de Liddell Hart era, em muitos aspectos, similar às táticas dos *stoss-truppen*. As divergências estavam relacionadas à pouca importância dada pelos ingleses às armas pesadas em apoio à infantaria. As metralhadoras pesadas britânicas, como a Vickers, ainda eram consideradas armas eminentemente defensivas. Com menos fé que os alemães em suas armas automáticas de grupo de combate e nos comandantes de grupo, Liddell Hart abriu mão da capacidade do GC de realizar manobras independentes. Afora por essas diferenças, as ideias de Liddell Hart foram bem recebidas na Alemanha, particularmente a teoria da torrente

de água, que possivelmente tenha servido de inspiração para a *Blitzkrieg*.

A influência das ideias de Liddell Hart na organização do exército britânico durante a década de 1930 foi marcante. A capacidade de manobra das pequenas frações inglesas estava de acordo com a concepção de Liddell Hart, com a preferência por GC indivisíveis. Não se dava importância para a capacidade dos escalões menores de proverem seu próprio apoio de fogo. A proposta era que os pelotões seriam simplificados, equipando-se todos os grupos com uma metralhadora leve. A venerável Lewis foi trocada pela muito mais leve Bren. Em lugar de dois grupos de fuzileiros e dois grupos de Lewis, foram estabelecidos três grupos de sete homens, em torno de cada qual havia uma metralhadora Bren (ENGLISH; GUDMUNDSSON, 2008).

O modelo brasileiro

No Brasil, segundo McCann (2009), embora o Exército considerasse útil absorver os métodos então em uso na frente ocidental, duvidava-se que a guerra de trincheira ali travada constituísse um método ou doutrina de guerra universal, especialmente para a América do Sul, onde os grandes espaços e populações dispersas mantinham os vários exércitos nacionais a boa distância uns dos outros. Era difícil imaginar uma guerra de trincheiras nos pampas do rio da Prata ou nas ondulantes pradarias gaúchas.

Durante a Missão Militar Francesa no Brasil, em 1919, o general francês Maurice Gamelin, em visita às guarnições do sul do Brasil, observou que uma guerra nas exten-

sas planícies do Rio Grande do Sul seria de “movimentos e manobras”, e o uso de metralhadoras e canhões de longa distância daria bons resultados. “A frente unida,^{iv} estilo de combate que caracterizou o *front* oeste da Primeira Guerra, não ocorreria ali, mas as lições da grande guerra ainda poderiam ser aplicadas” (Ibid. p. 268). Era pouco provável que o Brasil viesse a travar uma guerra estática e defensiva contra exércitos estrangeiros. O imenso território brasileiro, as comunicações precárias e o efetivo pequeno depunham em favor de unidades táticas pequenas e dotadas de grande mobilidade, treinadas para uma guerra de movimento. Embora os franceses procurassem adaptar seu sistema às características brasileiras, boa parte de suas recomendações e ensinamentos refletia a doutrina derivada da Grande Guerra, especialmente a ênfase nas divisões como unidades táticas. Assim sendo, McCann afirma que “boa parte do treinamento francês preparou os brasileiros para o tipo de guerra que nunca lutariam” (Ibid. p. 273). Também critica que “com todos os ensinamentos da missão, os generais da ocasião não foram capazes de impedir a Coluna Prestes de marchar por todo o mapa do Brasil” (Ibid. loc. cit).

Não obstante as críticas de McCann, o regulamento para os exercícios e o combate da infantaria de 1921 foi revolucionário para o Exército Brasileiro, com marcante influência da doutrina francesa. O manual inicia destacando a necessidade da dispersão em vista das vulnerabilidades das formações densas às armas automáticas. O grupo de combate e o lance foram estabelecidos pela primeira vez. O movimento dos pelotões não

deveria ser regulado pelos vizinhos, sendo relevante que o cuidado com o alinhamento desaparecesse. Não se deveria “confundir desenvolvimento com alinhamento”, pregava o manual (BRASIL, 1921).

Os regulamentos seguintes — de 1922, 1924, 1932 e 1936 — da infantaria do Exército Brasileiro são aperfeiçoamentos da mesma ideia central de valorização do GC (BRASIL, 1922; BRASIL, 1924; BRASIL, 1932; BRASIL, 1936). Naquela altura, o GC brasileiro era constituído de um singelo fuzil metralhador e 15 homens, divididos em uma esquadra de serviço da arma automática e outra de proteção, ambas com sete militares. Os pelotões tinham quatro GC, e as companhias, três pelotões, configurando um total de doze fuzis metralhadores por subunidade. Como não existiam os armamentos automáticos, em 1922, o regulamento estabelecia a necessidade de se figurá-lo com “um fuzil comum, que utilize um sinal convencional, farrapo ou lenço, e constituir-lhe a respectiva esquadra” (BRASIL, 1922, p. 02). Tal preocupação foi justificável, pois a visão era de que o fuzil metralhador constituía “a alma e a razão de ser do GC” (Ibid. p. 06). Todos os homens do grupo não eram mais do que auxiliares da arma automática, devendo protegê-la, transportá-la e reabastecê-la. Ou seja, na visão do manual de 1936, o GC era “constituído dos homens que servem ao fuzil metralhador” (BRASIL, 1936, p. 11).

Corolário

Os alemães, franceses e os britânicos, de fato, não eram os únicos a pensar sobre

os grupos de combate no período entre guerras. Os caminhos percorridos em cada exército, contudo, indicam as opções que estavam disponíveis. As abordagens francesas e alemãs para as táticas de infantaria faziam todo o sentido com seus respectivos planos estratégicos nacionais. A França pensava numa guerra prolongada, em que houvesse tempo de mobilizar seu parque industrial e seus aliados como a Inglaterra, Polônia e possivelmente os Estados Unidos. Assim, a função do exército francês era prolongar o conflito. Já a Alemanha queria uma solução rápida, por isso sua atitude agressiva nos combates. Os norte-americanos e os poloneses adotaram uma doutrina com elementos franceses e originais de seus próprios países, colocando muito mais ênfase no poder de fogo do fuzileiro do que nas armas automáticas.

No Brasil, a Missão Militar Francesa impôs a sua influência na determinação da modernização do exército durante as décadas de 1920 e 1930, embora não tenha sido adotada por completo a evolução do modelo para duas esquadras idênticas. Por volta da década de 1940, o GC brasileiro possuía um fuzil metralhador e era formado por duas esquadras, uma de vateadores e outra de fuzileiros, totalizando treze homens, incluindo o comandante (BRASIL, 1943). Durante a Segunda Guerra Mundial, as tropas que formaram a Força Expedicionária Brasileira se adaptaram à doutrina norte-americana, com o GC de doze militares formando três esquadras: uma de segurança, uma de manobra e outra de base de fogos, com um fuzil metralhador. Mesmo assim, as demais tropas em território nacional eram equipadas e treinadas em acordo com a estrutura

pré-Segunda Guerra. Até a década de 1960, não ocorreram alterações determinantes na estrutura do GC no Brasil. Somente, a partir de 1967, com a introdução dos FAL e FAP, o GC do Exército Brasileiro passou a adotar a atual constituição, de nove militares, em que cada esquadra possui um fuzil metralhador e quatro homens (BRASIL, 1967).

Na atualidade, o GC é uma fração cuja constituição varia bastante, em função das especificidades dos países e de cada uma de suas forças militares. O efetivo e o armamento empregados dependem do tipo de missão a que a tropa está destinada. Como exemplo, nos Estados Unidos, os grupos de combate das *strike brigade combat team* do Exército possuem nove homens, divididos em duas esquadras, cada uma dotada de uma metralhadora leve M249 – Minimi (calibre 5,56mm) (ESTADOS UNIDOS, 2010); enquanto a mesma fração dos fuzileiros navais possui treze homens, em três esquadras de quatro homens, também dotadas com a metralhadora M249 (ESTADOS UNIDOS, 2002). De qualquer forma, há uma certa padronização na constituição da esquadra. A subdivisão do grupo de combate em esquadras de quatro homens em torno de um fuzil metralhador ou metralhadora leve poderá ser encontrada em quase todos os exércitos, como o russo, inglês, francês, canadense e argentino. Ao que parece, esse foi o modelo que predominou desde o surgimento do GC como elemento base de combate.

Conclusão

Quase cem anos depois, os ensinamentos da Primeira Guerra Mundial, guardadas

as diferenças de cenário e capacidade dos equipamentos, ainda podem ser colhidos e validados. Para se ter a magnitude do caráter de importância, a técnica da defesa elástica é profundamente estudada nos dias atuais nas principais escolas de tática do Exército Brasileiro, pois constitui a essência do conceito da defesa móvel, forma de manobra preferida em atitude defensiva. Também, as ideias de Liddell Hart são observadas na concepção de planos e na forma de combater dos exércitos modernos de todo o mundo. A teoria da torrente de água e a imagem do “homem na escuridão” estão perfeitamente integradas às soluções dos problemas militares atuais (BRASIL, 1997).

A experiência dos exércitos que lutaram na frente ocidental da Primeira Guerra transformou as técnicas de combate da infantaria. Observaram a importância de incorporar às frações mais elementares de fuzileiros uma arma com capacidade de realizar fogos automáticos e prover o apoio necessário ao movimento. Os aperfeiçoamentos decorrentes moldaram os grupos de combate em quase todos os exércitos atuais, com sua subdivisão em pequenas frações de quatro homens, cujo núcleo é uma arma automática.

A união do fogo e do movimento continuado nos escalões mais elementares deu novo vigor à infantaria, a qual voltou a ser a rainha dos campos de batalha. Mesmo com

toda tecnologia envolvida no combate moderno, a infantaria ainda representa um papel determinante no combate.

Por isso, o Exército Brasileiro não deve desprezar conceitos que foram decantados por décadas, ao custo de tantas vidas e insucessos. Releva a importância da substituição do fuzil metralhador do GC, deixando-o desprovido de uma arma automática eficaz em prover o apoio de fogo necessário, representa deixar de lado os ensinamentos e aperfeiçoamentos da doutrina de emprego das pequenas frações de infantaria ao longo de todo esse tempo.

O fuzil metralhador, para ser enfático, é a razão de ser do grupo de combate da maneira como foi concebido, pois, ao integrar essa fração, distinguiu-o da infantaria pré-Primeira Guerra e possibilitou a execução do fogo e movimento. Relegá-lo a um segundo plano de importância descaracteriza o emprego do GC e representa uma grande perda de capacidade operacional para a infantaria brasileira. Em última instância, desconsiderar a arma automática do GC como prioridade coloca em discussão inclusive se essa decisão não está eixada na crise existencial sobre o papel desejável para o Exército Brasileiro: ser uma força com crível capacidade de combate ou uma guarda nacional para contingências relacionadas à segurança pública.

Referências

BRASIL. **Ordenanças dos corpos de infantaria.** Typ. e Lith. de Carlos Gaspar da Silva, Rua da Quitanda 111 e 113. RJ: 1891.

_____. Exército. Estado-Maior. **C 6-40. Técnica de tiro de artilharia de campanha. Vol 1.** 5ª Ed. EB: 2001.

- _____. Exército. Estado-Maior. **C 7-1. Emprego da Infantaria**. 2ª Ed. EB: 1984.
- _____. Exército. Estado-Maior. **C 7-5. Exercícios para a Infantaria. 2ª Parte. Instrução tática individual**. 4ª Ed. EGGCF: 1954.
- _____. Exército. Estado-Maior. **C 7-5. Exercícios para a Infantaria - Maneabilidade – 1ª Parte**. 2ª Ed. EGGCF: 1967.
- _____. Exército. Estado-Maior. **C 7-5. Exercícios para a Infantaria**. 1ª Ed. EB: 1980.
- _____. Exército. Estado-Maior. **IP 100-1. Bases para a modernização da doutrina de emprego da Força terrestre (Doutrina Delta)**. 1ª Ed. EB: 1997.
- _____. Exército. Estado-Maior. **Nr 5. Regulamento para os exercícios e o combate da infantaria. 2ª Parte**. Ed. Imprensa Militar. EME, RJ: 1921.
- _____. Exército. Estado-Maior. **Nr 5. Regulamento para os exercícios e o combate da infantaria. 1ª Parte**. 2ª Ed. Imprensa Militar. EME, RJ: 1922.
- _____. Exército. Estado-Maior. **Nr 5. Regulamento para os exercícios e o combate da infantaria. 2ª Parte**. Ed. Imprensa Militar. EME, RJ: 1924.
- _____. Exército. Estado-Maior. **Nr 5. Regulamento para os exercícios e o combate da infantaria. 2ª Parte**. Ed. Imprensa Militar. EME, RJ: 1932.
- _____. Exército. Estado-Maior. **Nr 5. Regulamento para os exercícios e o combate da infantaria. 2ª Parte**. Ed. Imprensa Militar. EME, RJ: 1936.
- _____. Exército. Estado-Maior. **Nr 5. Regulamento para os exercícios e o combate da infantaria (RECI). 1ª Parte. Introdução e instrução técnica**. Edições e Publicações Brasil, SP: 1943.
- ENGLISH, John A; GUDMUNDSSON, Bruce I. **On Infantry**. Londres: Praeger, 2 vols., 2008.
- ESTADOS UNIDOS. US Army. **FM 3-21.9. SBCT Infantry Rifle Platoon and Squad**. Department of the Army. Washington, D.C: December, 2010.
- ESTADOS UNIDOS. U.S. Marine Corps. **MCWP 3-11.2. Marine Rifle Squad**. Marine Quantico, VA: Corps Combat Development Command. November, 2002.
- HART, B. H. Liddel. *The “Man-in-the-Dark” Theory of Infantry Tactics and the “Expanding Torrent” System of Attack*. **Journal of The Royal United Service Institution**. February, 1921.
- MC CANN, Frank D. **Soldados da Pátria: história do Exército Brasileiro, 1889-1937**. São Paulo: Companhia das Letras, Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2009.
- REMARQUE, Erich Maria. **Nada de novo no front**. Tradução de Helen Rumjanek. SP: Círculo do Livro, 1975.

SALAMANDER BOOK. **The enciclopedia of Land warfare in the 20th Century.** NY. USA: Thomas Y. Crowell Company., 1977.

- i Na doutrina brasileira do século XIX, a companhia era chamada de pelotão quando adotava formação de manobra.
- ii Deslizamento do conjunto tubo-bloco da culatra sobre o berço.
- iii Barragem: conjunto de tiros cujos arrebitamentos ocorrem em forma linear no terreno, aplicado normalmente nas proximidades de tropa amiga e na cadência máxima permitida (BRASIL., 2001, p.1-3).
- iv Segundo McCann (2009, p. 268), é caracterizada por uma faixa do terreno mobiliada por grandes efetivos militares.

**FINANCIAMENTO PARA
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO**

POUPEX

JUROS BAIXOS

PARA O PÚBLICO EM GERAL

(21) 2196-4444

WWW.POUPEX.COM.BR/FMCG

Com a POUPEX, aquele projeto de construir ou reformar o seu imóvel e de comprar armários planejados se materializa. Você pode financiar o material de construção, na loja de sua preferência, no valor de até R\$ 200 mil. Os juros são baixos, a liberação do crédito é ágil e você pode pagar em 96 meses. Além de todas essas facilidades, há uma equipe de profissionais para orientá-lo. Materialize já o seu sonho. **Visite o Escritório Regional do Rio de Janeiro, no Palácio Duque de Caxias - Centro.**

